

# NÓS SOMOS O BAIRRO: O CASO DA UNIÓN SOLIDARIA DE TRABAJADORES

## WE ARE THE NEIGHBORHOOD: THE CASE OF UNIÓN SOLIDARIA DE TRABAJADORES

Flávio Chedid HENRIQUES<sup>1</sup>

Luciana Corrêa do LAGO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta o caso da empresa argentina Unión Solidaria de Trabajadores (UST) localizada na província de Buenos Aires, município de Avellaneda, ressaltando as inovações na organização do trabalho e na relação com o território do entorno, alcançadas pelos trabalhadores que a recuperaram há mais de dez anos. Baseia-se em duas entrevistas realizadas pelos autores em momentos distintos e em pesquisa documental na qual puderam identificar potencialidades da experiência autogestionária, assim como suas contradições em um contexto que privilegia as relações mercantis. Trata-se de um estudo exploratório que explicita novas lógicas de organização da classe trabalhadora que emergem em um contexto adverso.

**PALAVRAS-CHAVE:** autogestão urbana; empresa recuperada; território; organização do trabalho

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intuito de apresentar o caso da Unión Solidaria de Trabajadores (UST), uma empresa recuperada argentina, e a sua relação com a comunidade vizinha, com cerca de vinte e cinco mil habitantes, chamada Wilde. Trata-se de uma reflexão conjunta de dois pesquisadores que tiveram imersões com objetivos inicialmente distintos.

Uma das pesquisas tinha como foco as inovações na organização do trabalho da empresa recuperada, privilegiando as relações no interior do empreendimento. A outra pesquisa tinha como principal interesse as formas de interação da empresa com seu entorno imediato, em particular, os desdobramentos dos valores e práticas associativas dos cooperativados na produção do hábitat popular<sup>3</sup> circundante.

Embora com objetivos distintos, as duas pesquisas encontraram um forte envolvimento da empresa com o bairro de Wilde que a circunda, sobretudo se tomarmos como referência a mesma empresa antes de ter sido recuperada pelos trabalhadores. A nova relação está ancorada em um sentimento de pertencimento que faz os trabalhadores

<sup>1</sup> Doutor em Planejamento Urbano e Regional e bolsista de pós-doutorado da Capes no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: flaviochedid@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora da rede Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucianacorrealago@gmail.com

<sup>3</sup> Utilizamos uma conceituação multidimensional de hábitat popular, que contém não apenas a materialidade dos fenômenos, objeto físico produzido e consumido, mas os próprios processos cotidianos de produção e consumo das casas, dos equipamentos e dos serviços coletivos.

se entenderem como sendo o próprio bairro, “Somos el barrio”<sup>4</sup>, o que potencializa as ações voltadas para a elevação das condições urbanas de vida das famílias lá residentes.

O bairro de Wilde e o próprio município de Avellaneda que o abriga são característicos das periferias e assentamentos urbanos latino-americanos e expõem o acúmulo de carências urbanas das classes trabalhadoras, espoliadas<sup>5</sup> ao longo do processo de urbanização da região. Em Wilde, faltam creches para muitas crianças, faltam postos de saúde para muitos enfermos, falta saneamento em inúmeras habitações, entre outras faltas que afetam a integridade física e psicológica do ser humano.

Porém, os espaços periféricos como Wilde expõem também uma combinação de práticas cotidianas de produção de bens e serviços para a reprodução social, que agrega relações mercantis e solidárias, projetos privados e coletivos, recursos monetários e não monetários. É nesse campo econômico popular diverso e contraditório que estão assentadas as possibilidades de transformação das práticas cotidianas forjadas na carência e circunscritas a ela, em ações coletivas voltadas para a ampliação dos parâmetros de bem-estar urbanos não subordinados à racionalidade capitalista. Nos termos de Coraggio (2000), ações coletivas voltadas para a “reprodução ampliada da vida”<sup>6</sup>. Nos termos de Harvey (1980), ações coletivas que pressupõem a cidade como valor de uso e como bem comum e que busquem a superação da cidade como mercadoria. Nossa leitura sobre os desdobramentos das ações da UST no bairro circundante se nutre dessas possibilidades de transformação social e nesse sentido buscará examinar as barreiras e os avanços nessa direção.

O quadro de descrença popular em soluções coletivas para o trabalho emancipado e para o acesso ao habitat digno não é favorável à consolidação e difusão de experiências autogestionárias. O Estado tem papel determinante nessa descrença, ao priorizar políticas que reafirmam e incentivam *saídas* individuais à crise do emprego, e a propriedade privada dos meios de produção em geral e da terra em particular são as bases de sustentação da ideologia privatista<sup>7</sup>.

Como exemplo, no município de Avellaneda, onde está localizada a UST, havia em 2012 cerca de sete mil trabalhadores precarizados recebendo mil e duzentos pesos por mês, vinculados ao programa federal *Argentina Traballa* de fomento ao cooperativismo. Trata-se de um programa marcado por contradições ao financiar tanto cooperativas autogestionárias quanto falsas cooperativas.

<sup>4</sup> Fala de Mario Barrios, principal liderança da UST, em entrevista concedida em 05.07.2011

<sup>5</sup> O conceito de espoliação urbana sintetiza o processo histórico de sobre-exploração da classe trabalhadora em seu espaço de reprodução na cidade. Ver Kowarick (1983).

<sup>6</sup> Para Coraggio (2000) a reprodução ampliada da vida social é definida por parâmetros de qualidade de vida (re)construídos e ampliados coletivamente de acordo com a melhora nas condições objetivas, que não se restringe a ganhos de renda e maior acesso a serviços, mas abrangendo a qualidade dos bens e serviços consumidos e o padrão de relação social, entre outros.

<sup>7</sup> As políticas sociais e econômicas de cunho liberal assim como a incorporação de seus preceitos pelas classes populares predominam na Argentina e na América Latina de uma maneira geral.

Esse quadro nos permite compreender as contradições presentes nas estratégias da classe trabalhadora, especialmente na relação com o Estado. Ao estender suas ações para o bairro próximo, a empresa cooperativa vai estender também seu campo de interação com o poder público, em particular com os setores responsáveis pelas políticas sociais e urbanas. As contradições vão surgindo na medida em que os coletivos, cooperativas ou associações de moradores, vão acessando os financiamentos públicos e se confrontando com os princípios e regras das políticas públicas. Entendemos que a negociação com o Estado não implica necessariamente na ausência do sentido emancipatório e crítico dessas experiências, podendo ser compatíveis com metas estratégicas radicais e insurgentes. (SOUZA, 2010) A autogestão urbana, portanto, é a gestão de atividades produtivas e administrativas pelas organizações sociais, negociada com o Estado através do confronto de diagnósticos e projetos urbanos. A autonomia dos movimentos autogestionários é continuamente afirmada, ou não, no confronto com o Estado. Nesse sentido, buscaremos examinar os confrontos da UST e demais organizações sociais de Wilde com as instituições governamentais que atuam, ou deveriam atuar, na região como um processo de tempo longo marcado por contradições, avanços e recuos de ambas as partes.

Como hipótese, temos a ideia de que o empoderamento gerado pela autogestão da empresa, tanto em termos de aprendizagem técnica e política quanto de ampliação dos campos de ação, fez os trabalhadores se sentirem capazes de participar da autogestão do bairro, o que foi amplificado pelos recursos que conseguiram destinar para investimento na comunidade. No entanto, nos perguntamos em que medida estão em construção as bases materiais e culturais de outra cidade, onde as relações de solidariedade e a justa redistribuição dos recursos públicos passam a regular as práticas de mercantilização dos bens de uso privado e coletivo.

Ambas as pesquisas realizadas se basearam em entrevistas realizadas nos anos de 2011 e 2012, com a principal liderança do empreendimento, Mario Barrios, que é também um líder sindical. Houve também ampla pesquisa documental a partir de vídeos da internet e dos jornais produzidos pela empresa. Naturalmente que essa imersão inicial ainda incipiente traz limitações à análise do caso, o qual merece estudos mais sistemáticos que aprofundem as potencialidades e contradições da experiência. Acreditamos, entretanto, que os elementos extraídos dessas duas primeiras visitas e da pesquisa documental são indícios importantes da potencialidade de radicalização da relação entre a empresa e o seu território.

A seguir, apresentamos primeiramente um breve histórico da empresa recuperada UST, para depois examinarmos as transformações na gestão interna da empresa e as ações na escala do bairro.

## 2 A COOPERATIVA UNIÓN SOLIDARIA DE TRABAJADORES: BREVE HISTÓRICO

No município de Avellaneda, entre os bairros de Wilde e Villa Dominico, encontram-se aterrados os resíduos sólidos do que já foi um dos maiores lixões da América Latina. Até 2002, a empresa SYUSA, do grupo TECHINT, foi responsável pela coleta de lixo e manutenção desse espaço, quando terminou o contrato com a municipalidade.

Como relata um de seus trabalhadores, o conflito sindical se iniciou ainda na década de 1990 quando a empresa tentou reduzir em 60 o número de funcionários. Segundo o entrevistado, nos anos de 1998 e 1999, os trabalhadores conseguiram implementar uma jornada de 8 horas e evitar as demissões<sup>8</sup>. Em 2001, a empresa voltou a dar sinais de abandono do negócio quando iniciou um processo de terceirização por meio da cessão de caminhões aos trabalhadores para que fizessem a coleta do lixo individualmente. Entre 2002 e 2003, parte dos trabalhadores da SYUSA foi absorvida pelo estado e outra parte foi para a empresa 9 de Julio, que ainda em 2002 deixou de existir.

Em 2003, num processo em que ocorreram conflitos com a polícia, 37 trabalhadores<sup>9</sup> ocuparam a empresa e a tomaram. Apenas em 2004 a cooperativa Unión Solidaria de Trabajadores passou a efetivamente gerenciar o trabalho<sup>10</sup>, realizando serviços de manutenção, reflorestamento, paisagismo, controle sanitário, movimento de solos e manutenção das ruas para o município de Avellaneda.

Figura 1: Cooperativa UST.



Fonte: Elaborada pelos autores

<sup>8</sup> De acordo com o entrevistado até este momento os turnos eram de 12 horas durante 6 dias na semana.

<sup>9</sup> Segundo um trabalhador da fábrica em entrevista concedida à Rede Ansol (Documento Analisado no Centro de Documentación de ERTs da UBA).

<sup>10</sup> No dia 9 de março de 2004 é celebrada a fundação da UST, como informa a edição número 15 do quinto ano do jornal Pluma Cooperativa.

Em julho de 2011, a UST possuía 92 trabalhadores. Como relata seu presidente<sup>11</sup>, a recuperação da empresa serviu para que fossem concretizadas inúmeras outras coisas para além do trabalho para o qual eram contratados. A decisão da cooperativa de investir recursos no bairro está relacionada ao apoio que receberam no processo de recuperação. Segundo o entrevistado, o estatuto da UST prevê que 25% das sobras anuais sejam investidas na comunidade do entorno.

Em uma entrevista, concedida para a agência de notícias ANSOL<sup>12</sup>, Javier López da UST disse:

La UST no existiría sin los vecinos. Siempre contamos del período más duro, hace siete años, con los cortes de ruta y del acceso sudeste. En ese momento éramos 37 compañeros, con ese número no podíamos hacer nada en un lugar como éste. Acá siempre hubo una comunidad, el barrio San Lorenzo, que no estuvo de casualidad. La convocatoria fue siempre importante. Ahora es complicado saber quién es de la UST y quién no, la barrera se desdibuja (JAVIER LOPEZ, 2011).

Antes da tomada da empresa, os trabalhadores já atuavam na comunidade junto com outras organizações sociais e isso pode explicar o forte apoio dos moradores ao processo de tomada da empresa. Segundo Barrios,

Nosotros trabajábamos por ejemplo viendo las necesidades que tenía el propio barrio porque nosotros éramos comunidad, nosotros somos de la misma comunidad. Entonces teníamos reuniones en una escuela y habíamos armado una comisión de vecinos de entidades que se llamaba encuentro vecinal y se discutían las cosas y las necesidades del barrio. Entonces a la empresa permanentemente le estábamos pidiendo desde un camión a una maquina a tierra, cosas para hacer este relleno. Siempre estábamos haciendo algo con la comunidad. (MARIO BARRIOS, 2012)

A boa saúde financeira da empresa recuperada, aliada à habilidade de seus trabalhadores na construção civil e ao maquinário que possuem, os permitiu construir uma série de espaços, que fortaleceram o diálogo com a comunidade de San Lorenzo: um centro poliesportivo, onde se localiza um bachillerato popular; um centro de saúde; um complexo agroecológico; 100 habitações populares; além de manterem um programa de microcrédito em parceria com o governo para formação de pequenos empreendimentos.

<sup>11</sup> Em entrevista ao programa No Pasarán, realizada pela Barricada TV, nas dependências da IMPA.

<sup>12</sup> A entrevista encontra-se no sítio <http://ansol.com.ar/noticia.php?id=635> e o acesso a esse registro deu-se no Centro de Documentação de Empresas Recuperadas da UBA.

Figura 2: Centro Polidesportivo da UST Figura 3: Entrada do Centro



Fonte: Elaborada pelos autores Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 4: Complexo Agroecológico da UST Figura 5: Mural do Complexo



Fonte: Elaborada pelos autores Fonte: Elaborada pelos autores

Além dos setores relacionados à atividade de trabalho (Ferraria, Mecânica Pesada, Carpintaria e Serviços Gerais), a UST mantém um setor de comunicação (prensa y difusión), responsável por um programa de rádio (El Temblor), pela elaboração de um jornal (Pluma Cooperativa), além da realização de vídeos sobre a empresa.

Figura 6: Programa “El Temblor”.



Fonte: Elaborada pelos autores

Outra característica importante da UST é que a maioria de seus trabalhadores vive na comunidade vizinha à empresa, sendo alguns deles nas casas construídas no marco de um projeto habitacional executado pela cooperativa em parceria com um programa de governo, como veremos mais adiante.

Vale ainda mencionar que a UST é uma das principais experiências que formam a Asociación Nacional de Trabajadores Autogestionados (ANTA), ligada à Central de Trabajadores de la Argentina (CTA). Este fato confere à cooperativa autonomia frente aos demais movimentos de empresas recuperadas, embora haja relações de afinidade com o Movimiento Nacional de Empresas Recuperadas (MNER)<sup>13</sup>.

Nosotros empezamos a trabajar con ANTA porque lo que veíamos que muchos de los movimientos eran un espacio de militancia, espacios de militancia que no tenían que ver con la realidad concreta de los trabajadores. Entonces yo digo: nosotros no tenemos que delegar en manos de dirigentes políticos que utilizan como militancia política y trampolín a los laborantes. Entonces por eso armamos ANTA, y la primera discusión que nos dimos fue dentro del mismo ANTA, porque nosotros en el mismo ANTA teníamos dirigentes políticos y no trabajadores. Entonces decíamos ‘no, no’, lo que pusimos en nuestro estatuto que ANTA tenía que ser integrada por trabajadores y dirigida por trabajadores. Eso quedó muy concreto, porque sino viene uno que habla bien, y que tiene alguna relación, algún contacto, y termina conduciendo un lugar cuando jamás trabajó. (MARIO BARRIOS, 2011).

<sup>13</sup> Em 2008, por exemplo, o documentário *Obstinadamente Trabajadores* sobre a experiência da ANTA, relata o apoio dado por essa entidade à retomada da fábrica IMPA, fábrica onde surge o MNER, que havia sofrido um processo de despejo.

### 3 INOVAÇÕES ORGANIZACIONAIS NA UST

#### *Alterações no espaço de trabalho e a relação entre os trabalhadores*

Tendo como foco o ambiente de trabalho da UST, foram citadas algumas mudanças com relação à empresa anterior. Uma diz respeito a melhorias nas condições de trabalho dos que dirigem carros e caminhões. O entrevistado relatou que hoje além de poderem escutar música, o que era proibido antes, eles contam com automóveis com aparelhos de ar condicionado.

Além disso, podem-se notar mudanças que têm influência na relação entre os trabalhadores. Foi construída uma sala para tomar mate, que é um espaço de confraternização. Também foi fechado um restaurante que era apenas para os chefes, separando-os dos operários no momento do almoço. Neste local foi construído um espaço de capacitação e uma sala de vídeo e fotografia.

Nos jornais produzidos pela cooperativa é notória a tentativa de valorizar os trabalhadores e os distintos setores da empresa. Em cada um deles é relatada a história de vida de um trabalhador e é ressaltada a atividade de trabalho de um setor, como a cozinha, a administração e o setor produtivo.

Foi relatado, entretanto, haver conflitos entre os membros que recuperaram a empresa e os que entraram depois: “porque el conflicto que existe permanentemente es que los más viejos, los originales digamos, siempre chicanean o le dicen a alguno ‘eh, porque ustedes no estuvieron’” (MARIO BARRIOS, 2011). E este conflito evidencia-se, de uma forma geral, nas discussões sobre remuneração.

#### *A hierarquização das remunerações*

Como na maioria das experiências de ERTs argentinas, no início da UST as remunerações eram igualitárias. Ao longo dos anos passou a haver uma diferenciação tanto na distribuição do excedente anual como na retirada mensal. Com relação à primeira, o entrevistado informou que cada trabalhador retira ao redor de 80 mil pesos por ano<sup>14</sup>.

Com relação às retiradas mensais, o entrevistado informou que a diferença entre o mínimo e o máximo é de cerca de 25%. Um dos critérios para a diferenciação é a antiguidade. Os sócios fundadores têm um prêmio de 500 pesos e por ano a mais na cooperativa, cada trabalhador recebe 220 pesos. Há menos de três meses antes da realização da visita à UST, eles iniciaram um novo sistema de premiação relacionado à participação dos trabalhadores nas atividades do bairro.

<sup>14</sup> Estão incluídas nesse valor as férias de cada trabalhador.

### *A divisão de tarefas e o conhecimento do processo produtivo*

Os relatos sobre as alterações no processo produtivo estiveram mais relacionados à liberdade que possuem atualmente para organizar o próprio trabalho, o que sugere não haver uma distinção entre concepção e execução. Entretanto, não há relatos de que houve mudanças na atividade de trabalho em si:

El trabajo es siempre el mismo que hacemos, pero cambió el sistema de organización. Porque hoy el trabajo lo organiza el propio trabajador, te dice 'bueno, nosotros lo vamos a hacer de determinada forma', ellos organizan su trabajo. Entonces antes era distinto, porque antes había una reunión de responsables o de jefes y el jefe determinaba cómo hacer el trabajo. Y más allá de que vos por ahí le decías 'mira, te conviene empezar de tal y tal forma', te decía 'vos hacelo así como yo te digo', y vos recibías la orden de hacerlo como te decía el jefe. Y hoy la forma de ejecución del trabajo la resuelve el conjunto, lo resuelve el grupo de trabajo. Es otra forma, es otra modalidad organizativa. Y es mucho más práctica, o sea más de conformar mucho más a los trabajadores (MARIO BARRIOS, 2011).

Sobre a possibilidade de rotação de cargos, o entrevistado relatou que ocorrem dependendo do interesse de cada trabalhador. Não há um impedimento para que isso ocorra, nem um sistema de rodízio claramente definido.

### *O ritmo e a jornada do trabalho: impactos na saúde do trabalhador*

Como já relatado, na empresa antiga, antes dos conflitos do fim da década de 1990, a jornada de trabalho era de 12 horas. Desde então a jornada de trabalho é de 8 horas, de segundo a sexta feira, além de um sábado a cada 15 dias.

Em consonância com outros relatos obtidos, o entrevistado informou que os acidentes de trabalho praticamente deixaram de acontecer, o que contrasta com o alto número de acidentes da empresa anterior<sup>15</sup>.

Perguntado se esta queda está relacionada ao novo ritmo de trabalho da empresa, o entrevistado respondeu:

Sí, con el ritmo de trabajo y con la presión que había. Ahora vos sois responsable de tu trabajo, no sé, a veces son las ocho y veinte, ocho y media y yo soy el presidente de la cooperativa y estoy tomando mate con todos ellos hablando de algo que estamos antes que salgan todos a trabajar, estamos [...] o riéndonos por un partido de fútbol, no hay presión, vos sabes que tenes que hacer tu trabajo. Toman refrigerio, a las diez de la mañana paran a tomar mate, desayuno, a las tres de la tarde de nuevo, almuerzan en el comedor nuestro que lo atienden nuestros compañeros (MARIO BARRIOS, 2011).

<sup>15</sup> Ao menos um por mês, segundo o entrevistado.

O entrevistado relatou que as pausas, antes inexistentes, passaram a ser comuns na empresa, assim como uma liberdade para que os trabalhadores possam deixar a atividade mais cedo se preciso. O controle sobre possíveis abusos não deixam de ser necessários, mas passam a ser realizados pelos demais membros da cooperativa e não por uma pessoa específica. Como durante os dias de chuva a atividade de parte do trabalho fica comprometida, o entrevistado informou que por vezes liberam os trabalhadores, mas muitos preferem continuar e realizar outras atividades, demonstrando que a liberdade não necessariamente resulta em abusos.

Hay días que llueven, que llueve y no hacemos asamblea porque bueno, por ahí nos hemos juntado, y les decimos 'muchachos, el que se quiera ir se puede ir a la casa', y no se van, se quedan; si van a cobrar igual, no es que les descuenten nada, no, se quedan, están mejor acá que en la casa. Antes imagina, si nos llegaba a decir el patrón 'muchachos se pueden ir', no quedaba nadie. Nosotros les decimos ahora cuando llueva que se vayan, agarramos los responsables del grupo y decimos 'deciles a los tuyos que si se quieren ir que se vayan, vayan a la casa'. Y no se va nadie, o se van muy pocos, se quedan, los días de lluvia se quedan casi todos; se quedan a compartir la comida, a ayudar a limpiar, a ayudarle a otro que está laborando, se quedan solos. O sea eso demuestra el clima de trabajo que hay, así que ahí cambió, el clima es otra cosa (MARIO BARRIOS, 2011).

### *As formas de tomada de decisão*

A Assembleia Geral (AG), que é a instância máxima da cooperativa ocorre uma vez por mês. Esta é a reunião formal da assembleia, que, entretanto, também ocorre nos dias de chuva, em que uma parte da empresa não pode exercer a atividade de trabalho. O entrevistado relatou que, como a pauta dessas reuniões mais improvisadas é livre, há, por vezes, uma maior participação.

Avaliou, entretanto, que ainda há uma baixa participação do coletivo em decorrência de haver lideranças que há muito tempo representam os trabalhadores. Nesse sentido o entrevistado relatou a busca da empresa em melhorar a comunicação entre os trabalhadores, o que é evidenciado nos periódicos da UST, nos quais são relatadas as atividades dos setores e as histórias de vidas dos trabalhadores individualmente. A valorização destas trajetórias perante o coletivo pode ser um importante instrumento para que haja uma descentralização de poder.

A principal discussão nas assembleias, segundo o entrevistado é a da divisão de dinheiro, mas há outros temas que são pautados como o investimento em novos maquinários. Além da AG há a Comissão Administrativa. Para esta há eleições a cada dois anos, nas quais são eleitos o presidente, o tesoureiro, o secretário, o síndico e três substitutos.

#### 4 A UST NO BAIRRO

“No es posible la recuperación del trabajo sin la recuperación del territorio”<sup>16</sup>

A análise do caso UST se deu, sobretudo, devido ao relacionamento entre a empresa e a comunidade vizinha. O entrevistado apresentou o quadro em que encontraram a região em 2003 e seus reflexos nos dias de hoje:

Acá había un abandono de casi un treinta por ciento de los jóvenes que abandonaban el secundario, eran desertores secundarios, y no tienen trabajo. Hay pibes que tienen veinticuatro, veinticinco años y no han conseguido su primer empleo. Hay una generación que no vio a su papá trabajar. Entonces cómo volvemos a retomar el valor por ese trabajo, ¿No? Porque cuando vos planteas la necesidad de que el trabajo es organizador social –nosotros definimos eso, que el trabajo es como un ordenador social- es decir, el pibe que trabaja sabe que tiene su plata a fin de mes, que puede formar una familia, que puede hacerse su casa, que puede satisfacer necesidades que no la puede hacer el que no trabaja (MARIO BARRIOS, 2011).

Com esse cenário e com o desejo de atuar no bairro, o estatuto da UST prevê que 25% do excedente anual seja investido no território vizinho à empresa. A definição sobre a destinação do gasto fica, segundo o entrevistado, a cargo de uma organização comunitária<sup>17</sup>, da qual a UST faz parte: “hay un barrio organizado, o sea, nuestra cooperativa se transformó en una herramienta organizativa de la comunidad” (MARIO BARRIOS, 2011).

A principal ação para permitir que os referidos jovens terminassem os estudos secundários foi a construção do bachillerato popular Arbolito em 2008, que funciona dentro do Centro Poliesportivo e possui ênfase em economia social<sup>18</sup>. Por sua vez, o centro, construído em 2005, tem como função o combate à violência e ao consumo de drogas por meio do esporte. Há equipes de vôlei e futebol sendo formadas por moradores de bairro, sendo que o time infantil de futebol joga na liga de futebol de salão argentina.

A partir de 2009, o bachillerato passou a fazer parte da red de escuelas que envolve também o jardim de infâncias e as escolas primárias e secundárias do bairro para que se possa discutir de forma conjunta o projeto pedagógico para os moradores do bairro com forte inspiração em Paulo Freire<sup>19</sup>. No entanto, a mesa de organizações mantém a luta frente ao Estado, pelo pagamento dos professores do bachillerato.

Ahora nosotros tenemos reconocimiento oficial pero todavía el Estado no está pagando los salarios a los docentes. [...] El estado en algunos ha hecho convenios y en otros no. [...] Nosotros

<sup>16</sup> Frase de Mario Barrios durante o programa No Pasarán da Barricada TV.

<sup>17</sup> Que chamam de Mesa de Organizaciones e existe desde 2008.

<sup>18</sup> Na edição número 12 do quarto ano do jornal Pluma Cooperativa foi relatado um convênio com a Universidade Nacional de Quilmes para o desenvolvimento dos temas da Economia Social e Educação Popular no bachillerato.

<sup>19</sup> Na edição número 16 do quarto ano do jornal Pluma Cooperativa foi relatada a participação de um membro da UST e de uma professora do bachillerato popular no IV Encuentro Internacional Presencia de Paulo Freire, realizado em Cuba.

sostenemos toda estructura, armamos toda la escuela y los profesores vienen sosteniendo voluntario. (MARIO BARRIOS, 2012)

De fato, o governo nacional vem desestimulando experiências educacionais populares críticas, ao implementar programas fins para a aquisição do diploma de segundo grau, de baixa qualidade e com poucas horas em sala de aula.

Ainda no marco da red de escuelas, outras ações da UST passaram a ser parte de um projeto pedagógico, como por exemplo, o Complexo Agroecológico, que foi construído em 2009 não só para fins produtivos, mas também como forma de incluir a questão ambiental e da soberania alimentar na educação dos moradores do bairro<sup>20</sup>.

Figura 8: Sementes Crioulas Figura 9: Plantação agroecológica



Fonte: Elaborada pelos autores Fonte: Elaborada pelos autores

Por conta da questão do desemprego, desde 2007, a UST organizou um banco comunitário que concede microcrédito para moradores do bairro em parceria com um programa do governo federal. O Banco Popular de la Buena Fé já concedeu empréstimo a cerca de 60 pessoas, que chamam de empreendedores. Estes expõem seus produtos em uma feira na localidade de Wilde, conhecida como Feria del Banquito Social.

Na questão habitacional, a UST teve papel ativo na construção de 100 casas no bairro, em parceria com o município de Avellaneda e o governo provincial de Buenos Aires. Como relatou o entrevistado, a UST comprou a gleba com dinheiro dos próprios trabalhadores, sendo a propriedade coletiva, depois de terem feito um censo que apontou a existência de 32 trabalhadores sem moradia. Em seguida, foi criada uma cooperativa habitacional para construção de 32 casas apenas para seus trabalhadores. Com a parceria realizada, o Estado financiou com subsídios, 100 casas no terreno cedido pela UST, sendo cinquenta para os trabalhadores da própria cooperativa e cinquenta para

<sup>20</sup> Como foi relatado na 17ª edição do quarto ano do Jornal Pluma Cooperativa, produzido pela UST.

famílias selecionadas pela municipalidade, pagando todos o mesmo valor de 110 pesos por mês (MARIO BARRIOS, 2012).

También pagan lo mismo, sí, sí. Nosotros lo que hicimos fue: cedimos nuestra tierra a cambio de que nos hicieran el plan de vivienda, con cincuenta viviendas, y pagamos cien pesos por mes. Pero lo que accedimos a que se le diera cincuenta que no sean nuestros, así que bueno, fue como un convenio con la municipalidad de la provincia y aceptaron ellos. Cada vez que hablaban de la construcción hablaban de la generosidad de los trabajadores que habían permitido que cincuenta vecinos que no tenían casa y que no eran dueños titulares del terreno pudieran acceder en las mismas condiciones a las viviendas (MARIO BARRIOS, 2011).

No entanto, o processo de provisão das cem moradias mostrou um claro conflito entre o projeto da UST e o que foi implantado pelo poder público. A gleba de propriedade coletiva da cooperativa foi desmembrada em cem imóveis privados, as casas foram construídas por uma empresa privada e não pela cooperativa habitacional e, ainda, o projeto urbanístico acordado inicialmente que continha um pátio comum servindo como um *pulmão verde*, não foi realizado na íntegra. No confronto de projetos, a UST não conseguiu impor dois dos princípios do cooperativismo (propriedade e produção coletivas) para viabilizar, naquele momento, o acesso à casa própria para alguns de seus trabalhadores. “Nosotros queríamos que fuera así, que fuera una propiedad colectiva, un patio común, pero bueno, todavía estamos en esa pelea. El sistema te prepara para que seas muy individualista”. (MARIO BARRIOS, 2012)

Figura 7: Habitações construídas pela UST.



Fonte: Elaborada pelos autores

O mesmo fim teve o projeto de reforma das casas da comunidade que ainda necessitavam de piso e instalações sanitárias. A UST e demais organizações da Mesa Barrial fizeram um censo para levantar a demanda e conseguiram assessoria técnica para

o projeto das reformas, no entanto, o poder público impôs a construção de uma creche, entendida como prioritária e o projeto de reforma não foi financiado.

No campo da saúde, a UST teve papel ativo na luta por um centro de saúde no bairro, além da formação de agentes comunitários de saúde. Esta ação, assim como algumas das citadas acima, se confundem com as ações da Mesa de Organizaciones Barriales de Wilde, da qual a UST faz parte.

Segundo um entrevistado, 85% dos trabalhadores vivem no bairro, o que faz com que muitos participem das ações promovidas pela cooperativa. Essa parece ser a principal distinção da cooperativa e o motivo pelo qual mantém uma atuação comunitária mais intensa que as demais experiências que pudemos conhecer durante o trabalho de campo.

Nosotros somos el mismo barrio, somos la comunidad. Qué sé yo, la comisión de salud de nuestro barrio la integran la señora de Federico que es el chico que está en la radio, ¿Quién más? La señora de Raúl que es el secretario de la cooperativa, la señora de Diego que es el tesorero nuestro, la hermana de mi nuera. Son todos, todos, la familia participa mucho en todas las actividades (MARIO BARRIOS, 2011).

A relação intensa com o território é a principal característica da UST e há uma clareza por parte do trabalhador entrevistado de que um projeto autogestionário não pode se limitar ao interior da empresa:

Pero no lo concibo de otra forma, es muy difícil sostener en un mundo capitalista que vos acá socializás todo y salís afuera y te come el león capitalista de nuevo [...] entonces el crecimiento tiene que ver con la forma organizativa que nos dimos y el anclaje en lo territorial, tiene mucho que ver (MARIO BARRIOS, 2011).

## 5 TRABALHO EMANCIPADO E AUTOGESTÃO URBANA

O conjunto de práticas e valores visto anteriormente nos permite enxergar a adesão da UST aos princípios cooperativistas, adesão que foi impulsionada pela situação de desemprego de seus membros. Num contexto de políticas de incentivo à formação de “falsas cooperativas” identificadas pelo trabalho precarizado, a UST vem desenvolvendo atividades produtivas organizadas pelos princípios da cooperação e da autonomia nos processos decisórios por parte dos trabalhadores e afirmando o instituto da propriedade coletiva dos meios de produção.

Quando observamos a atuação da UST no campo da reprodução social, fica evidente sua luta pela construção coletiva de novos parâmetros de bem estar urbano, envolvendo moradores e organizações sociais locais. Nesse sentido, encontramos o início de um processo de autogestão urbana, que por se confrontar com a forma não democrática de gestão urbana imposta pelo Estado por meio de suas leis e políticas de investimento, é marcado por contradições. Vimos que muitos projetos idealizados pela comunidade

que buscavam a formação de coletivos, não foram implantados ou sofreram mudanças que abortaram a dimensão coletiva inicial. Esse foi o caso do projeto de construção das habitações que ao contar com o financiamento público, acabou reproduzindo as velhas práticas mercantis da produção capitalista da cidade: a conjugação da produção empresarial com a propriedade privada do solo.

Pudemos notar que há um grande rigor na análise do entrevistado, pois há uma perspectiva para além da atividade de trabalho da empresa. Há uma preocupação com a continuidade da UST e também com a continuidade das ações realizadas no bairro. Isto faz com que na avaliação seja ressaltado o fato de haver ainda poucas alterações no que diz respeito à participação e envolvimento dos trabalhadores nas questões relacionadas ao dia-a-dia da empresa.

Entretanto, as atividades realizadas com a comunidade que vive no entorno da empresa puderam ser bem avaliadas, pois tivemos a oportunidade de visitar algumas delas e conversar com outros trabalhadores e compreender a percepção deles.

A ação da UST é uma forte contribuição para que se entenda a potencialidade de uma organização econômica bem estruturada e vinculada a um território. E isto não seria possível sem uma participação ativa de muitos membros, dada a magnitude das atividades realizadas pela empresa.

Este contraste entre uma baixa participação interna e um forte vínculo comunitário deve ser entendido a luz das limitações do estudo de caso e também de uma avaliação que tem como preocupação o futuro das ações, que leva em consideração a expectativa de formação de novos quadros que tenham protagonismo dentro da cooperativa.

HENRIQUES, Flávio Chedid; LAGO, Luciana Corrêa do. We are the neighborhood: the case of Unión Solidaria de Trabajadores. *ORG & DEMO* (Marília), v. 16, n. 2, p. 9-24, Jul./Dez., 2015

**ABSTRACT:** This article presents the case of Argentina's enterprise Unión Solidaria de Trabajadores (UST), located in the province of Buenos Aires, city of Avellaneda, highlighting the innovations in work organization and the relationship with the surrounding territory, achieved by workers that recovered their job for over ten years. It is based on two interviews conducted by the authors at different times and in documentary research which could identify potential of self-management experience as well as its contradictions, in a context that favors the mercantile relations. This is an exploratory study that presents new logics of working class organization emerging in a difficult environment.

**KEYWORDS:** urban self-management; recovered enterprise; territory; work organization

## REFERÊNCIAS

BARRIOS, Mario. Entrevistas concedidas aos autores nos anos de 2011 e 2012.

BARRIOS, Mario. *No pasarán*. Buenos Aires: Barricada TV, 2010. Programa de internet.

CORAGGIO, J. L. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: Kraychete, G. et alii. *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 91-141.

HARVEY, D. *A justiça social e a cidade*. Hucitec: São Paulo, 1980.

KOWARICK, L. *Espoliação urbana*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2006.

LÓPEZ, Javier. Se pueden alcanzar los objetivos de otra manera. *Agência Ansol*. 11.03.2011. Disponível em: <http://ansol.com.ar/noticia.php?id=635>. Acesso em: 13 jan. 2013.

SOUZA, M. L. Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta. *Revista Cidades*. V. 7, n. 11, p. 13-47, 2010.